

Representação das vítimas do franquismo em Hernández e da ditadura civil-militar argentina em Kohan

TAISLANE VIEIRA

Mestranda em Estudos Literários na Unimontes. Bolsista Capes.
e-mail: tais19lane@hotmail.com

JULIANA HELENA GOMES LEAL

Professora de Literatura Latino-americana da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) *Campus* de Diamantina. PhD em Literatura, outras artes e mídias pela UFMG. e-mail: juleal@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva realizar uma releitura do poema *Elegía primera*, do poeta espanhol Miguel Hernández¹, e do romance *Ciencias Morales*, do escritor argentino Martín Kohan², visando elucidar a representação das vítimas do franquismo (1939-1975) e da ditadura civil-militar argentina de 1976-1983, respectivamente. O primeiro é uma homenagem de Hernández a Federico García Lorca, poeta e dramaturgo espanhol que se posicionou a favor da liberdade daqueles que se

¹ Hernández participou ativamente da Guerra Civil Espanhola, e ao término, quando tentava sair do país, foi preso e condenado à morte; no entanto, teve sua pena modificada para prisão perpétua. Depois de passar vários anos na cadeia, Hernández morreu vítima de tuberculose, em 1942. (Hernández, M. *Biografía*. Disponível em: http://www.cervantes.es/bibliotecas_documentacion_espanol/biografias/manila_miguel_hernandez.htm. Acesso em: 20 Set. 2014).

² Kohan nasceu em 1967, na cidade de Buenos Aires/Argentina e viveu sob um regime ditatorial dos nove aos dezesseis anos. Atualmente tem sete romances publicados, dentre os quais: *Los cautivos* (2000), *Duas vezes junho* (2002), *Segundos afuera* (2005), *Museo de la revolución* (2006) e *Ciencias morais* (2007). Atua como escritor, crítico literário e professor da Universidade de Buenos Aires (UBA). (Dobry, Edgardo. *Letras Libres*. Disponível em: <http://www.letraslibres.com/revista/libros/ciencias-morales-de-martin-kohan>. Acesso em 20 mai. 2015).

encontravam à margem da sociedade e foi assassinado no primeiro mês da Guerra Civil Espanhola.

A escolha de usar um poema em sua homenagem se deu pelo fato de o assassinato de Lorca não ter como alvo a morte de um homem, mas o silenciamento de um sujeito que, na maioria dos seus textos, dava voz a grupos excluídos pela sociedade espanhola da época. Lorca utilizava sua arte para mostrar a violência da guarda civil contra aqueles que se encontravam à margem da sociedade, tais como ciganos, negros, mulheres e homossexuais (Alves, 2013, p. 1-2). Pode-se encontrar referência a esses grupos de pessoas, respectivamente, nos seguintes poemas: “Romance de la Pena Negra” (*Romancero Gitano*, 1928), “El Rey de Harlem” (*Poeta en Nueva York*, 1929-1930) e “El poeta habla por el teléfono con el amor” (*Sonetos del amor Oscuro*, 1935), etc.

Em *Ciencias Morales*, Kohan narra a vida no colégio Nacional de Buenos Aires, dentro da qual encontram-se vários indícios e marcas que nos remetem ao contexto do final da ditadura civil-militar argentina dos anos setenta e da guerra das Malvinas. A importância desse romance se dá pelo fato de funcionar não somente como denúncia do regime autoritário argentino e da guerra das Malvinas, mas também como um questionamento da ideologia ditatorial que pregava o combate à subversão e a defesa da moral.

A forma como a narrativa faz alusões ou deixa rastros relacionados à guerra das Malvinas e às vítimas da ditadura argentina é um dos pontos fortes da obra, pois, de acordo com o filósofo alemão Walter Benjamin, o “‘rastros’ remete à questão da manutenção ou apagamento do passado, isto é, à vontade de deixar marcas, até monumentos de uma existência humana fugidia, de um lado, e às estratégias de conservação ou de aniquilamento do passado, do outro” (*apud* Gagnebin, 2012, p. 27).

Pode-se entender, a partir da reflexão benjaminiana, que os rastros encontrados ao longo da narrativa de Kohan apontam para o que resta de um passado que foi encoberto, mas que deixou vestígios. As tentativas de ocultamento de crimes cometidos, por exemplo, são visíveis tanto na ditadura argentina quanto no franquismo, uma vez que uma das ações empregadas pelos referidos regimes era o desaparecimento dos corpos das vítimas para que não houvesse provas das torturas e assassinatos cometidos.

No poema *Elegía Primera*, de Miguel Hernández, também pode-se encontrar rastros que provam a existência e a importância do poeta Federico García Lorca para a sociedade espanhola. A estrofe treze se refere a ele como alguém que jamais será esquecido: “Cegado el manancial de tu saliva,/ hijo de la paloma,/ nieto del ruiseñor y de la oliva:/serás, mientras la tierra vaya y vuelva,/ esposo siempre de la siempreviva,/ estiércol padre de la madre selva” (2000, p. 217)³ A referência

³ “Seco o manancial da sua saliva,/ Filho da pomba,/ Neto do rouxinol e da oliva:/ Serás,

às flores sempre vivas e à madressilva sugere a ideia de eternidade, imortalidade, permanência, devoção e delicadeza, já que são flores que nascem em ambientes inóspitos e conseguem resistir às condições adversas às quais são submetidas.

O poema, ao referir-se a essas flores, elucida o poder de resistência e a devoção de Lorca à luta contra o franquismo, o que indica que, apesar de este ter sido silenciado, sempre será lembrado, pois seu legado e suas obras são vestígios de que a memória de sua existência não pode, nem deve, ser apagada.

Desse modo, pretende-se com este trabalho fazer uma análise do poema e do romance mostrando a representação que esses textos fazem das vítimas dos regimes repressivos e silenciadores e o poder que eles têm como forma de resistência e exercício de memórias individuais e coletivas. Essas obras, mais que uma denúncia a períodos regidos por regimes totalitários, são instrumentos de resistência que nos fazem lembrar o passado, já que, segundo Gagnebin, “o verdadeiro lembrar, a rememoração, salva o passado, porque procede não só à sua conservação, mas lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida” (2012, p. 35). Daí ser imprescindível trabalhar com obras que tematizem os ditos períodos, de modo a provocar a reflexão sobre o passado em presente, bem como do presente a partir do passado. No caso desta pesquisa, a partir de um presente histórico brasileiro, vale destacar, marcado por fortes incertezas sobre a continuidade do processo de amadurecimento de sua democracia, também massacrada, à semelhança do caso argentino por uma ditadura civil militar repressiva na qual direitos foram cassados e pessoas foram brutalmente torturadas e assassinadas.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

Durante muitos anos, Espanha e Argentina viveram sob o domínio de governos autoritários e profundamente injustos. Suas sociedades civis não tinham direito de contestar as ações do Estado. Milhares de pessoas desapareceram, foram mortas e torturadas.

Na década de 1930, a Espanha passava por uma divergência de interesses entre os grupos políticos existentes. De um lado, estavam as forças republicanas, que defendiam a existência de um governo democrático e livre, grupo formado por republicanos, comunistas, socialistas, liberais, anarquistas, entre outros. De outro, as forças armadas lideradas pelo general Francisco Franco, grupo que contava com o apoio da Igreja Católica e algumas camadas da aristocracia e da burguesia (Hypólito, 2013, p. 23).

enquanto a terra vá e volte,/ Sempre esposo da sempre viva,/ Esterco pai da madressilva” (tradução nossa). Obs.: todas as demais traduções deste trabalho serão feitas por nós.

Em 18 de julho de 1936, iniciou-se na Espanha uma guerra civil que durou três anos, deixando o país em um absoluto estado de miséria, contabilizando mais de 400 mil mortos. Com o fim da guerra, em 1º de abril de 1939, Franco assumiu o poder, pondo fim ao governo republicano espanhol e iniciando uma ditadura que só terminou 36 anos depois, com a morte do Generalíssimo.

Após a ascensão de Franco ao poder iniciou-se um período conhecido como franquismo. Para se manter nesse lugar e eliminar qualquer ameaça que pudesse haver contra seu governo, Franco iniciou uma série de medidas autoritárias e repressivas contra as pessoas que ele via como uma possível ameaça, tais como assassinato, perseguição, torturas, entre outras (Hypólito, 2013, p. 25).

Para legitimar esse regime, Francisco Franco procurou transmitir uma imagem da guerra civil que fosse favorável ao governo, pregando um discurso que afirmava que eles estavam salvando a Espanha dos estrangeiros comunistas e a devolvendo aos verdadeiros espanhóis, os franquistas (Veleda, 2010, p. 9).

Outra medida tomada pelo franquismo foi o controle das instituições escolares, período durante o qual a educação ficou sob responsabilidade da Igreja Católica, que produzia livros didáticos com o intuito de orientar as crianças sobre os valores estabelecidos pelo governo de Franco, tornando-se assim um instrumento de sustentação de uma consciência patriota fundamentada na autoridade, na hierarquia, na ordem, na obediência e no temor a Deus (Capelato, 2009, p. 117-119).

Intencionando alcançar esse objetivo, o regime franquista adotou como principal ação educativa a eliminação de qualquer indício de presença republicana, socialista e comunista nas escolas, uma vez que os ideais republicanos, na concepção do franquismo, poderiam contaminar as crianças e impedir a manutenção do referido regime (Díaz, 2008, p. 68).

Na Argentina aconteceu algo similar à experiência da Espanha, no sentido de que em ambos os países foram instauradas formas repressivas de governo. De acordo com o Ministerio de Educación de la Nación Argentina (2010, p. 14), as escolas públicas da Argentina sempre tiveram um forte papel na consolidação do Estado. Além do ensino, os profissionais que atuavam no ambiente escolar eram responsáveis por transmitir aos alunos a ideia de patriotismo, de nação e de comunidade.

Dessa forma, em 1976, ao ser instaurado o golpe militar (dirigido pelos comandantes das três armas: Jorge Rafael Videla, Emilio Eduardo Massera e Orlando Ramón Agosti), que pôs fim ao governo democrático argentino, a instituição escolar passou a atuar como um espaço que favorecia as formas de convivência autoritária e um ambiente em que se lutava contra qualquer forma de subversão. O golpe instituído pelo regime ditatorial argentino utilizou mecanismos de controle e disciplinamento social através de sequestro, assassinato, roubo de crianças, silenciamento da imprensa e criação de centros clandestinos de detenção.

Durante o período em que os militares permaneceram no poder, eles instituíram o terror no país, criando projetos que visavam destruir qualquer forma de participação popular. O governo militar fixou um regime implacável contra qualquer força democrática, com o objetivo de dominar a população através do terror e assim impor a ordem, sem que houvesse nenhuma reivindicação por parte da sociedade.

De acordo com Caroline Bauer (2014, p. 146), para combater os setores oposicionistas, “o general Ibérico Saint-Jean, governador de Buenos Aires, afirmou que ‘primeiro mataremos a todos los subversivos, luego mataremos a sus colaboradores, después a sus simpatizantes, enseguida aquellos que permanecen indiferentes, y finalmente mataremos a los tímidos’”⁴. Essa afirmação configurou-se como uma estratégia do regime militar para instaurar o terror, resultando, assim, no assassinato e desaparecimento de aproximadamente 30 mil pessoas.

Depois de cinco anos de ditadura militar, o país encontrava-se afundado em uma grave crise econômica, o que fez com que as próprias forças armadas questionassem a credibilidade do ditador que estava no comando do país. As famílias das vítimas começaram a se reunir e fazer pressão contra o governo, exigindo informações sobre o paradeiro dos familiares desaparecidos. Esses fatores contribuíram para enfraquecer o poder do regime militar (Ministerio de Educación de la Nación Argentina, 2014, p. 117).

Assim, o governo se viu obrigado a criar um plano para desviar a atenção dos problemas internos da ditadura militar. Essa estratégia consistiu em apelar ao discurso nacionalista alegando que o inimigo era um agente externo e que, para solucionar os problemas da Argentina, o país deveria ocupar a ilha das Malvinas (*ibidem*, p.118)

Diante dessa conjuntura, no dia 2 abril de 1982, o general Leopoldo Galtiere, chefe da junta militar argentina, tentou invadir as Malvinas e tomar o poder dos Britânicos que governam a ilha. O conflito armado entre Argentina e Grã-Bretanha durou cerca de setenta e quatro dias e contabilizou um total de 649 soldados argentinos mortos e 285 soldados britânicos. A guerra só terminou em julho de 1982, com a derrota da Argentina. Dessa maneira, o regime militar que já se encontrava fragilizado, antes do conflito, com a derrota para os britânicos, perdeu qualquer possibilidade de recuperar suas forças, chegando ao fim no ano de 1983 (*ibidem*, p. 119).

⁴ “Primeiro mataremos todos os subversivos, logo mataremos seus colaboradores, depois seus simpatizantes, e em seguida aqueles que permanecem indiferentes, e finalmente mataremos os tímidos”.

3. REPRESENTAÇÃO DAS VÍTIMAS DO FRANQUISMO EM HERNÁNDEZ E DA DITADURA CIVIL-MILITAR EM KOHAN

Hernández, em seu poema dedicado a Lorca, faz uma representação simbólica das vítimas da Guerra Civil Espanhola, dos grupos marginalizados e da angústia das pessoas que viveram nesse período e que ainda hoje sofrem pela perda de um ente querido. Já Kohan expõe os discursos produzidos pelo regime militar e nos deixa pistas ao longo do livro que nos remetem às vítimas da ditadura argentina dos anos setenta e da guerra das Malvinas, além de nos mostrar a relação entre o regime repressor e a referida guerra. Miguel Hernández foi um poeta espanhol, de família camponesa, que converteu sua poesia em instrumento de luta contra a guerra civil instaurada em seu país nos anos trinta. Após a tomada do poder pelo General Francisco Franco, Hernández continuou usando sua poesia para mostrar a amargura da derrota e a consternação pelo triunfo dos militares. Muitos de seus poemas abordavam constantemente o tema da morte em combate, o sentimento de resistência e o chamado para a luta coletiva. Dentre eles podemos citar “Las Manos”, “Sentado Sobre los Muertos”, “Elegía Primera”, “Aceituneros”⁵, entre outros.

Hernández compreendia a luta pela vida como uma tarefa coletiva, razão pela qual compôs algumas elegias em homenagens a amigos que morreram durante a Guerra Civil Espanhola, entre os quais podem ser destacados os seguintes nomes: Pablo de Torriente⁶ e Federico García Lorca⁷. Essas homenagens, apesar de individualizarem mortes específicas, representam todo um esforço de indivíduos que lutavam contra a opressão e o autoritarismo sofridos pelo povo espanhol como um todo.

Nesse contexto, o poema *Elegía Primera*, de Hernández, figura como um importante dispositivo de “(re)construcción de identidades individuales y colectivas en sociedades que emergen de períodos de violencia y trauma” (Jelín, 2002 p. 5).⁸ Esse poema, além de representar a figura de Lorca como vítima singularizada do terror instaurado pelo franquismo, também expressa uma dimensão coletiva, na medida em que, ao fazer referência a ele, Hernández também traz à tona todos

⁵ Poemas do livro *Viento del Pueblo: poesía en la Guerra*. Valencia: Socorro Rojo Internacional, 1937.

⁶ Escritor cubano, nasceu em 1901 e morreu durante uma batalha contra o fascismo em 1936 (Encaribe: Enciclopedia de Historia y Cultura del Caribe, Disponível em: < <http://www.encaribe.org/es/article/pablo-de-la-torriente-brau/454>>. Acesso: 08 ago. 2015).

⁷ Os poemas nos quais Hernández fez homenagem a seus amigos se encontram no livro *Viento del Pueblo: poesía en la Guerra*. Valencia: Socorro Rojo Internacional, 1937.

⁸ “reconstrução de identidades individuais e coletivas em sociedades que emergem de períodos de violência e traumas.”

os grupos marginalizados e explorados pela opressão franquista. Dessa forma, o poeta espanhol faz ressurgir não só a memória individual, mas também a memória do outro.

Vecchi e Ribeiro (2012, p. 90) compreendem que toda memória poética projeta uma rememoração coletiva:

A memória poética é em si mesma [...] o limiar de uma memória que aspira à projeção de uma memória plural, não ainda pública, mas já subtraída à singularidade intransponível de um eu enclausurado e mudo. Assim, enquanto lírica, a memória poética situa-se na posição limítrofe, dir-se-á, de uma memória política. Uma memória individual que se abre à partilha, aspirando, desse modo, a uma memória plural e tornando-se assim patrimônio o memorial de um tempo escoado, mas que continua a marcar como uma ferida ou uma cicatriz, o presente.

Hernández inicia o primeiro quarteto da elegia anunciando a morte de Lorca e exaltando seu caráter heroico: “Atraviesa la muerte con herrumbrosas lanzas,/ y en traje de cañón, las parameras/ donde cultiva el hombre raíces y esperanzas,/ y llueve sal, y esparce calaveras” (2000 p. 216).⁹ Percebe-se no primeiro verso que Lorca figura como símbolo de resistência, pois mesmo após sua morte e as tentativas empregadas pelo governo para apagar seus rastros, como o ocultamento de seu corpo, por exemplo, sua memória continua viva, visto que suas obras representam o sinal de sua existência e de sua coragem ao se posicionar contra as ações empregadas pelo franquismo.

Ainda no final dessa estrofe pode-se encontrar referência à terra que deveria ser vista como um espaço sagrado, uma vez que é através dela que provém a sobrevivência humana. Com a guerra percebe-se que esse mesmo espaço foi destinado a ser esconderijo dos corpos das vítimas. O próprio Lorca foi uma dessas pessoas cujo sangue inocente foi derramado e cujo corpo foi enterrado, sem identificação, em alguma trincheira.

Dessa maneira, com esse poema, Hernández relembra não só a morte de Lorca, mas também a de milhares de outras vítimas que necessitam ser identificadas e enterradas, já que os túmulos permitem a rememoração do passado, o luto, a conservação da memória e a continuidade da vida.

Assim sendo, as obras produzidas por Lorca, bem como a elegia feita por Hernández em sua homenagem, atuam como um possível túmulo, uma vez que, na ausência de um corpo a ser enterrado, essas obras representam um rastro material de sua existência e sua luta a favor da democracia e dos grupos oprimidos.

⁹ “Atravessa a morte com enferrujadas lanzas,/ e em traje de canhão, as regiões/ onde o homem cultiva raíces e esperanza,/ e chove sal, e espalha caveiras”.

Para o professor Jaime Ginzburg:

A observação do rastro leva a incertezas. Sobre o outro: por que se ausentou, o que significa que seu rastro esteja aqui, mas não ele? E sobre o próprio observador: se eu estou aqui e percebo a ausência desse que não vejo, quem percebe a ausência pelos rastros que deixei? Aproximando esse assunto do campo da memória involuntária, estudado por Benjamin, *a percepção de um rastro permitirá lembrar o ausente, não de qualquer trivial modo, mas de uma maneira que define o que nele foi mais significativo, de modo que possa identificá-lo* (2012, p. 126, grifo nosso).

É nesse sentido que as obras e memória de Lorca figuram como um rastro que nos leva a questionar sobre seu paradeiro e conseqüentemente a relembrar o que provocou sua ausência. Esses rastros também podem ser compreendidos como o túmulo da pessoa ausente, visto que a palavra “vestígio ou rastro, significa originalmente ‘túmulo’” (Gagnebin, 2012, p. 30).

Entende-se que, ao recuperar a memória de Lorca, Hernández, nesse sentido, nos faz pensar em todas as vítimas desse regime opressor e compreender que a recuperação dessas memórias é condição necessária para não deixar essa forma de governo ressurgir, a partir da compreensão de que “los actores que [...] intentan honrar y homenajear a las víctimas e identificar a los responsables, visualizan su accionar como si fueran pasos necesarios para ayudar a que los horrores del pasado no vuelvan a repetir” (Jelín, 2002, p. 11-12)¹⁰

Na sétima estrofe da elegia, Hernández explica o motivo de ter escolhido Lorca: “entre todos los muertos de elegía/ sin olvidar el eco de ninguno,/ por haber resonado más en el alma mía,/ la mano de mi llanto escoge uno.” (2000, p. 216)¹¹. Percebe-se nesse quarteto que o poeta deixa claro que houve outros mortos e que, apesar de sua escolha se relacionar com uma catástrofe pessoal, ele não se esqueceu das demais vítimas da guerra civil. Dessa forma, mais que uma manifestação artística, esse poema é símbolo da resistência e luta contra o governo franquista.

Nota-se que a memória empregada nessa elegia, além de lidar com uma memória fragmentada e em risco, uma vez que a história oficial tenta relegar as vítimas ao esquecimento, também evidencia a “intenção de partilhar aspectos muito íntimos – sentimentos, imagens, emoção - com a comunidade” (Vecchi, Ribeiro, 2012, p. 90) por meio da dor que o eu-lírico expressa pela perda do amigo. Hernández lamenta a perda não só de um companheiro, mas também do homem e do

¹⁰ “os atores que [...] tentam honrar e homenagear as vítimas e identificar os responsáveis, visualizam suas ações como passos necessários para não deixar que os horrores do passado voltem a se repetir”.

¹¹ “Entre todos os mortos de elegia/ sem esquecer o eco de nenhum,/ por haver repercutido mais em minha alma, /a mão de meu pranto escolhe um”.

escritor que representava (estrofe 17), e ainda representa, símbolo de luta contra forças repressoras.

A narrativa do romance *Ciencias Morales*, de Kohan, cujo enfoque principal é a ditadura argentina e a guerra das Malvinas, se passa nos anos de 1982 e 1983, mais precisamente no início da Guerra das Malvinas (1982) e fim da ditadura civil-militar argentina (1976–1983). Kohan inicia o romance expondo algumas características do colégio nacional de Buenos Aires e descrevendo como se dava o controle disciplinar naquele ambiente. A princípio a narrativa parece ser apenas o relato da intransigência, do controle e da falta de liberdade impostos pelos inspetores aos alunos, no entanto, a repressão vivenciada no colégio, além de um conjunto de indícios e marcas presentes no decorrer da obra, nos remete ao contexto histórico-político da Argentina dos anos setenta.

Ciencias Morales narra a vida cotidiana de Maria Tereza, uma jovem que começa a trabalhar como inspetora do terceiro ano, no Colégio Nacional de Buenos Aires, em 1982, e cuja função é controlar os mínimos detalhes deste local e comunicar qualquer delito disciplinar ao senhor Biasuto, chefe dos inspetores.

Para descrever como se dá esse controle e essa disciplina no colégio, o narrador expõe de forma precisa as regras que deveriam ser seguidas ali. Pode-se visualizar tal descrição no seguinte trecho: María Teresa [...] tiene que pasar lista, controlar la formación, llevar el libro de temas de los profesores, sancionar indisciplinas, estar permanentemente alerta, evitar debilidades, borrar el pizarrón, proveer de tizas¹² (Kohan, 2007, p. 46).

Apesar dessa descrição detalhada, há momentos em que o narrador deixa surgir reminiscências de alguns fatos ou de algumas memórias, como se fosse o ressurgimento de algo esquecido.

A partir dessa narrativa, ora construída de forma detalhada e direta, ora fragmentada e simbólica, pode-se identificar a representação das vítimas da ditadura argentina e da guerra das Malvinas. As relações entre os alunos e os inspetores, que representa o autoritarismo dessa ditadura, por exemplo, aparecem de forma mais direta por meio da relação entre os estudantes e os supervisores e pela própria Maria Tereza que, de opositora, passa a assumir o papel de oprimida.

María Teresa entiende que las instrucciones que brindara el señor Vicerrector, y que ellos trasladaron fielmente a los alumnos, los afectan y los incluyen. También ella va a salir ahora por la puerta lateral que da a la calle Moreno. También para ella está vedado el acceso del subterráneo donde viaja habitualmente. También ella apurará el paso, aunque sin por eso correr, en dirección a la Avenida 9 de Julio.

¹² “María Teresa [...] tem que fazer chamada, controlar a fila, levar o livro de conteúdos dos professores, punir indisciplinas, estar permanentemente atenta, evitar fraquezas, apagar o quadro negro, providenciar giz”.

Allí se tomará, también ella, un colectivo cualquiera, el primero que pase, aunque después tenga que bajarse y tomarse otro que la lleve realmente hasta su casa. Tampoco ella sabe con precisión qué es lo que está pasando, aunque se desenvuelva con la resolución de los que sí saben. Tampoco ella tiene las ideas claras. (*ibidem*, 2010, p. 22)¹³.

Nota-se que ao mesmo tempo em que María Teresa tem que exercer papel de autoridade frente aos alunos, ela também deve acatar ordens e seguir as regras impostas por seus superiores. Os alunos e María Teresa figuram, nesse contexto, como vítimas do regime repressor instituído pelo colégio e representam, de certa forma, a população que viveu sob o governo ditatorial instituído na Argentina.

Em um dos trechos da obra é possível visualizar que os dirigentes do colégio não aceitavam questionamentos e, por isso, empregavam o autoritarismo como forma de controlar os estudantes.

Tengan presente, señores preceptores, que el adolescente es un ser humano curioso por naturaleza y rebelde por naturaleza. Adviertan a los alumnos que no pueden acercarse a Plaza de Mayo de ninguna manera, pero tengan cuidado y no vayan a dejarlos intrigados por eso. *Lo que tienen que transmitirles no es curiosidad, sino miedo.* (Kohan, 2010, p. 20, grifo nosso)¹⁴.

Percebe-se que o terror e o medo são os discursos empregados pelos dirigentes da escola para evitar que os alunos se tornassem subversores. Daí identificarmos uma possível relação entre a cultura do medo empregada pelo colégio e o terror imposto à população argentina pela ditadura militar que, durante muitos anos, cerceou ou extirpou sua liberdade.

Ao entrar no banheiro masculino em busca de uma possível vítima para o chefe dos inspetores, algum aluno que, supostamente, estaria fumando naquele

¹³ “María Teresa entende que as instruções que o senhor Vice-Reitor dera e que eles transmitiram fielmente aos alunos afetam e os incluem também. Ela também vai ter que sair pela porta lateral que dá para a rua Moreno. Para ela também está proibido o acesso ao metrô no qual viaja habitualmente. Ela também apressará o passo, mas sem que para isso precise correr, em direção à avenida 9 de Julho. Lá, ela também pegará um coletivo qualquer, o primeiro que passar, ainda que depois tenha de descer e pegar outro que a leve realmente para casa. Ela também não sabe com precisão o que está acontecendo, embora aja com a resolução dos que sabem. Ela também não tem as ideias claras”.

¹⁴ “Tenham em mente, señores inspetores, que o adolescente é um ser humano curioso por natureza e rebelde por natureza. Avisem os alunos que não podem se aproximar da Plaza de Mayo de maneira nenhuma, mas tomem cuidado e não os deixem intrigados com isso. O que os señores têm de lhes transmitir não é curiosidade, mas medo”.

ambiente, María Teresa acaba transgredindo a ordem que ela própria era responsável por resguardar, já que ser mulher a impedia de estar em um ambiente masculino.

Essa subversão tem como consequência a descoberta do Senhor Biasutto, que utiliza essa desculpa como motivo para abusar sexualmente de María Teresa, que passa da posição de opressora à de oprimida:

Ahora los dos, ella y él, María Teresa, la preceptora, y el señor Biasutto, el jefe preceptores, están encerrados en el cubículo del baño de varones del colegio (p. 117). [...] Con manos confusas el señor Biasutto le levanta la pollera. Ella siente al mismo tiempo el frío en las piernas y el miedo (*ibidem*, 2010, p. 117).

[...] No espera que María Teresa haga nada, nada que no sea estarse ahí preceptora, subalterna, con lado de la cara ya tocando la pared (*ibidem*, 2010, p. 117).

[...] Más tarde cuando pueda, María Teresa va a llorar por todo eso, pero por el momento no llora (*ibidem*, 2010, p. 119).¹⁵

Esses fragmentos nos mostram que, apesar de ocupar o lugar dos que deviam controlar os alunos do colégio, frente ao inspetor chefe, María Teresa se portava de modo subserviente, por se tratar de uma “inspetora subalterna”, razão pela qual aceita a violação sem qualquer forma de resistência, optando pelo silêncio.

Um exemplo de representação simbólica das vítimas da ditadura, que aparece de forma pouco explícita no romance de Kohan, está relacionada à existência de túneis subterrâneos. María Teresa, ao falar deles, revela sentir um medo que não sabe explicar. Esses podem estar diretamente ligados aos centros clandestinos de torturas implantados pela ditadura militar argentina:

María Teresa llega al subsuelo con cierta inquietud, y aunque ese mundo de techo apretado es apenas más lúgubre que el resto de los claustros y dependencias del colegio, ella presiente un aire siniestro al tratar de adivinar la existencia de los túneles secretos [...] túneles soterrados que tantas conjeturas motivan (Kohan, 2007, p. 21-22).

¹⁵ “Agora os dois, ela e ele, María Teresa, a inspetora, e o senhor Biasutto, o chefe dos inspetores, estão encerrados no cubículo do banheiro masculino do colégio. [...] Com mãos confusas, o senhor Biasutto levanta a sua saia. Ela sente ao mesmo tempo frio nas pernas e medo. [...]”

Não espera que María Teresa faça nada, nada que não seja estar ali, inspetora subalterna, com um lado da cara já encostado na parede.

[...] mais tarde, quando puder María Teresa vai chorar por tudo isso, mas por enquanto não chora”.

Ese reino de la humedad y de las ratas sólo le produce miedo, un miedo que lucha, pero que no pierde, con el misterio que la atrae (*ibidem*, p. 112)¹⁶.

Percebemos, a partir desses exemplos, que os crimes cometidos durante a ditadura civil-militar argentina dos anos setenta não ficaram totalmente escondidos porque algumas pessoas, principalmente as que experienciaram tal período, mesmo desejando esquecê-lo, não podem fazê-lo, pois a memória de túneis insiste em se fazer presente, atraindo medo e provocando reflexão (conjecturas).

De acordo com a obra, os túneis foram construídos no tempo da colônia e interligam o Colégio Nacional, na época Colégio Real, o palácio do governo e a igreja Santo Inácio. As sensações provocadas por eles em María Teresa mostram que os rastros deixados pelo regime de exceção não podem ser completamente apagados, pois sempre restam vestígios que o inconsciente tratará de resgatar. Atualmente, no bairro de Monserrat, na cidade de Buenos Aires, temos la Manzana de las Luzes, na qual podemos encontrar os misteriosos túneis, que interligam as ruas Peru, Bolívar, Moreno e Alsina (parte dessa rede foi destruída). Essas ruas são frequentemente mencionadas na obra. Não se sabe a real extensão dessa rede de túneis e para que serviam. No entanto, há especulações de que, após a expulsão dos jesuítas, seus prováveis construtores, esses foram usados como sítios clandestinos de tortura dos prisioneiros pelo regime militar¹⁷.

Apesar do terror provocado pela ditadura militar e das tentativas de silenciamento perpetradas por ela, percebe-se na fala de María Teresa que a resistência, por meio do elucidamento do que foi escondido, é mais forte que o medo. Há algo que impulsiona a personagem a desvendar o mistério que rodeia esses túneis. Esses lugares, portanto, figuram como um importante rastro para desvendar, de algum modo, parte do que ocorreu durante o regime ditatorial, já que para Gagnebin, “aquilo que resta de um passado, de uma trajetória, pode constituir uma base para tentar compreender o que ocorre a um indivíduo ou a uma sociedade” (2012, p. 8).

A representação das vítimas da Guerra das Malvinas, presente no romance de Kohan, aparece de forma fragmentada ao referir-se aos soldados argentinos que

¹⁶ “María Teresa chega ao subsolo com certa inquietude, e embora aquele mundo de teto baixo seja apenas um pouco mais lúgubre do que o resto das galerias e dependências do colégio, ela pressente um ar sinistro ao tentar adivinhar a existência de túneis secretos. [...] túneis soterrados que tantas conjecturas motivam”.

“Esse reino da umidade e dos ratos só lhe produz medo, um medo que luta, mas não perde, com o mistério que a atrai”.

¹⁷ Blejman, Mariano. *Buenos Aires viceversa*. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-351-2002-09-05.html>>. Acesso em: 06 mai. 2016.

foram enviados à ilha, metaforizados a partir da figura de Francisco, irmão de María Teresa. A referência à guerra na obra se dá por meio de pequenas pistas e alusões encontradas nas cartas de Francisco. Somente no final da obra que o autor deixa claro ter havido uma batalha. Esses soldados figuram como vítimas, uma vez que, ao serem convocados, não tinham possibilidade de escolha:

Ha llegado [...] otra postal de Francisco [...] En el envés de la postal, Francisco ha repetido [...] su frase: «No logro compenetrarme». Francisco ha de haber escrito esas pocas palabras sobre la mesa de algún precario barracón donde le toca comer, y al que probablemente, e impropriamente, llamen cantina (Kohan, 2010, p. 32)¹⁸.

[...] Lo han trasladado. Sin dar aviso ni explicaciones, ni tener por qué darlas, les ordenaron a él y a los otros que juntaran sus cosas y que las hicieran caber en las mochilas, luego que formaran en el playón principal de la unidad (*ibidem*, 2010, p. 32)¹⁹.

Outra referência à guerra das Malvinas encontrada em *Ciencias Morales* se dá através de uma conversa entre María Teresa e sua mãe. Nesse primeiro diálogo sabe-se que Francisco, irmão de María, está ausente e que a mãe teme abrir a carta mandada pelo filho. Durante toda a narrativa o autor lança pistas acerca do paradeiro de Francisco e da ameaça de um conflito iminente. Essas pistas funcionam como rastros que levam o leitor a deduzir a existência de uma guerra para a qual Francisco foi convocado:

Habría sido mejor que se muriera, dice la madre, y se persigna porque bien sabe que lo que dice es sacrilegio. Mejor que se muriera, en vez de irse y que no se sepa adónde. Así habría por lo menos un papel, y en el papel una constancia, y con la constancia el pobre Francisco se podría haber evitado toda esta mortificación del frío por las hendijas y la comida insalubre servida en platos de aluminio (Kohan, 2010, p. 15).

María Teresa guarda las postales de su hermano en el cajón de la mesa de luz, entre estampitas y fotos familiares de la infancia. En estos días que pasa convaleciente,

¹⁸ “Chegou [...] outro cartão-postal de Francisco [...] no verso do cartão, Francisco também repetiu a frase: ‘não consigo me compenetrar’. Francisco deve ter escrito essas poucas palavras na mesa de alguma precária barraca onde come e a que provavelmente, e impropriamente, chamam de rancho”.

¹⁹ “Foi transferido. Sem aviso nem explicações, nem há por que dá-las, ordenaram a ele e aos outros que juntassem suas coisas e que as fizessem caber nas mochilas, depois que formassem no pátio principal da unidade”.

las revisa y las relee, como si fuesen largas cartas y contuviesen historias prolongadas. Lloro y reza, a veces por la paz, a veces por la victoria, y siempre por el hermano (*ibidem*, p. 60).

A la noche suena el teléfono. [...] Ella luce pasmada, pero apenas escucha, del otro lado, la voz reconocida que la saluda entre zumbidos, el semblante muta a la alegría: es Francisco el que llama, y llama desde el sur. (*ibidem*, p. 61)²⁰.

Através desses fragmentos percebe-se o sofrimento de María Teresa e de sua mãe pela ausência de Francisco. Esta prefere ver o filho morto do que lutando em uma guerra, pois com a morte de Francisco, a mãe de María Teresa teria um túmulo e a prova da existência do filho, o que seria impossível com a guerra.

A fala dessa personagem nos remete a uma observação feita por Benjamin, que discorre acerca da “importância do túmulo, do respeito devido aos mortos”. O sepultamento é importante para deixar um “rastro material da sua existência e de sua coragem”, possibilitando o luto e a construção de um futuro (*apud* Gagnebin, 2012, p. 29-35).

Nesse contexto compreende-se que Francisco figura nessa obra como vítima da guerra. A referência da localização de Francisco, ao sul, nos remete às ilhas Georgias del Sur, local onde ocorreu a guerra das Malvinas. Assim sendo, a referência à guerra nos reporta aos jovens que morreram em combate, aos corpos sem identificação e sem sepultura e às famílias que não puderam enterrar seus mortos.

No último capítulo do livro, o autor deixa de referir-se à guerra de forma fragmentada, e a narrativa torna-se mais objetiva e direta. O narrador fala que a batalha chegou ao fim no dia 14 de junho de 1982, com a derrota dos soldados argentinos, e que o total de mortos, dos dois países, é de aproximadamente, novecentos mil mortos. Com o fim do conflito, Francisco retorna para casa e as autoridades do colégio são trocadas. Assim percebemos que, com o fim da guerra, a ditadura militar também chega ao fim.

²⁰ “Teria sido melhor que morresse, diz a mãe, persignando-se porque bem sabe que o que diz é sacrilégio. Melhor que morresse, em vez de ir embora sem que se saiba para onde. Assim pelo menos teria um papel, e no papel um atestado, e com o atestado o pobre Francisco poderia ter evitado toda essa mortificação do frio que entra pelas frestas e da comida insalubre servidas em prato de alumínio”.

“María Teresa guarda os cartões-postais do irmão na gaveta da mesa-de-cabeceira, entre santinhos e fotos de família da sua infância. Nesses dias que passa convalescendo, torna a olhá-los e lê-los, como se fossem longas cartas e contivessem histórias prolongadas. Chora e reza, às vezes pela paz, às vezes pela vitória, e sempre pelo irmão”.

“De noite, toca o telefone. Ela parece perplexa, mas apenas escuta, do outro lado, a voz conhecida que cumprimenta entre zumbidos. O semblante muda para a alegria: é Francisco que liga, e liga do sul”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva compreende-se que, embora o franquismo e a ditadura civil-militar argentina dos anos setenta sejam regimes repressivos distintos e estejam localizados em contextos históricos e espaciais diferentes, trabalhar a associação desses governos mostra-se relevante na medida em que possibilita refletir o que há de comum entre regimes opressores, ademais das consequências da instauração de governos autoritários e repressores, viabilizando o exercício de uma memória traumática que costuma ser reiteradamente silenciada.

Recuperar a memória desses períodos histórico-políticos é um processo fundamental para se pensar o presente. Ao afirmar que “o encontro do passado não é meramente um exercício de ‘recuperação’ do mesmo. O passado ganha uma efervescência que responde a desafios não dele em si, mas do tempo presente” (2007, p. 86), Márcia Santos nos convoca a agir sobre o presente de modo a não permitir o enfraquecimento da democracia, o desrespeito à vontade da população e o surgimento de novos regimes autoritários. Conhecer o passado torna-se, ademais, crucial para que as pessoas tenham consciência e resistam, no presente, contra as imposições de governos autoritários que não respeitam a democracia e a decisão popular.

Sendo assim, a leitura do poema “Elegía primera”, de Miguel Hernández e do romance *Ciencias Morales*, de Martín Kohan, figuram como uma importante estratégia para trazer à tona memórias das vítimas de períodos históricos opressores, já que para Santos “a relação literatura/memória auxilia a compreender como historicamente um sujeito e, claro, sua sociedade, estabeleceram relações entre seu presente e seu passado” (2007, p. 90).

5. REFERÊNCIAS

- Abrão, Janete (org.). *Espanha: Política e Cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2010.
- Alves, Syntia. *García Lorca Anunciando a Guerra Civil Espanhola*. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/4_Garcia_Lorca_anunciando_a_Guerra_Civil_Espanhola_4.pdf> Acesso em: 06 de jun. 2014.
- Bauer, C. S. Potestad: o poder, o direito, e o dever sobre o passado recente argentino, in: Cordeiro, J. M. (org.), *et al. À sombra das ditaduras: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.
- Capelato, M. H. R. *Ensino Primário Franquista: Os Livros Escolares como Instrumento de Doutrinação Infantil*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a05v2957.pdf>> Acesso em: 4 set. 2015.

- Díaz, J. M. H. *A Escola Rural em Espanha na primeira fase do franquismo (1939-1951)*. Disponível em: <revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/download/597/492>. Acesso em: 3 set. 2015.
- Gagnebin, J. M. Apagar os rastros, recolher os restos, in: Sedlmayer, Sabrina; Ginzburg, Jaime (org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- Ginzburg, J. A interpretação do rastro em Walter Benjamin, in: Sedlmayer, Sabrina; Ginzburg, J. (org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- Hernández, Miguel. *Antología poética*. Madrid: Espasa, 2000.
- Hypólito, Bruno Kloss. *O Cinema e a Querela de Memórias do Franquismo na Espanha Contemporânea: O Caso de Silencio Roto e el Laberinto del Fauno*. Disponível em: <http://meriva.pucrs.br:8080/dspace/bitstream/10923/3977/1/000447479-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2014.
- Jelín, Elizabeth. *Los Trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002.
- Kohan, Martín. *Ciencias Morales*. Barcelona: Anagrama, 2010.
- Ministerio de Educación de la Nación. *La dictadura militar en Argentina*. Disponível em: <<http://www.me.gov.ar/efeme/24demarzo/dictadura.html>>. Acesso em: 2 jul. 2014.
- _____. *Pensar la Dictadura: terrorismo de Estado en Argentina*. Disponível em: <http://educacionymemoria.educ.ar/secundaria/wp-content/uploads/2011/01/pensar_la_dictadura.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2015.
- Santos, Márcia P. História e memória: desafios de uma relação teórica, *Revista OPSIS*, 7(9):81-97, jul-dez, 2007.
- Sedlmayer, Sabrina; Ginzburg, Jaime (org.). A fala do indizível, in: Sedlmayer, Sabrina; Ginzburg, Jaime (org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- Vechhi, R.; Ribeiro, M. C. A memória poética da guerra colonial de Portugal na África, in: Sedlmayer, Sabrina; Ginzburg, Jaime (org.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- Veleda, Valentina. A Espanha sobre o regime franquista do isolamento a aceitação internacional (1939-1953), in: Abrão, Janete (rrg.). *Espanha: política e cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2010.

ARTIGO RECEBIDO EM 11/08/2017; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 07/11/2017

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é analisar como se dá a representação das vítimas do franquismo (1939-1975) e da ditadura civil-militar argentina (1976-1983) no poema “Elegía primera” (1936), do escritor espanhol Miguel Hernández, e no romance *Ciencias Morales*

(2010), de Martín Kohan, respectivamente. O primeiro é uma homenagem a Federico García Lorca, poeta e dramaturgo que se posicionava a favor daqueles que se encontravam à margem da sociedade e foi assassinado pelo governo franquista. O segundo retrata o cotidiano de uma escola, de tal período, e as formas de repressão empregadas nesse ambiente. Nesse romance encontramos vários fragmentos e indícios que nos remetem ao contexto do final da ditadura civil-militar argentina dos anos setenta e da guerra das Malvinas.

PALAVRAS-CHAVE: Representação. Vítimas. Memória. Literatura.

ABSTRACT: The objective of this research is analyze how the victims of Francoism (1939-1975) and the Argentine civil-military dictatorship (1976-1983) are represented in the poem “Elegía primera” (1936), by the Spanish writer Miguel Hernández, and in the novel *Ciencias Morales* (2010), by Martin Kohan, respectively. The first is a homage to Federico García Lorca, poet and playwright that positioned in favor of those who were on the margins of society and who was murdered by Franco's government. The second one portrays the daily life of a school, of such period, and the forms of repression employed in this environment. In this novel we found several fragments and evidences that refer to the context of the end of the Argentine civil-military dictatorship in the seventies and the Falklands War.

KEYWORDS: Representation. Victims. Memory. Literature.